

A Escola Bíblica Dominical da nossa igreja, a cada domingo, desde o dia 25 de Agosto, tem compartilhado fascinantes biografias de homens e mulheres do passado, não apenas para o aperfeiçoamento dos seus alunos e visitantes, mas, principalmente, para inspirá-los em sua caminhada cristã.

Aproveitamos esse espaço para também compartilhar com você que nos visita as grandes historias dos heróis da fé.

Hoje queremos te apresentar: **Charlotte (Lottie) Diggs Monn (1840-1912)**

Atualmente é comum vermos missionárias atuando nos campos missionários, mas nem sempre foi assim. As primeiras mulheres tiveram que lutar muito pela igualdade e, uma das que mais batalharam por este direito foi a norte-americana Charlotte Moon nascida em 1840.

Narra sua biografia que logo após a morte de sua mãe, a sua irmã mais nova, Edmonia, foi nomeada como missionária na China. No ano seguinte, Charlotte foi atrás. A irmã não aguentou o trabalho e voltou, mas Charlotte continuou na China.



Toda essa situação a deixou muito deprimida e nessa época, ela recebeu uma carta de um antigo namorado, propondo que se casassem e fossem atuar como missionários no Japão. Ela pensou muito e concluiu que era melhor continuar na China.

Na concepção de Charlotte o trabalho no campo missionário não ia bem, pois o seu desejo era andar entre o povo como evangelista. Mas, não foi o que aconteceu. Pelo fato de ser mulher, acharam que ela só podia ser professora. Ela protestou, bem ao seu estilo:

Ela disse: “Relegar as mulheres a tais papéis é a maior insensatez das missões modernas. Desejo levar o Evangelho ao maior número de pessoas que eu possa alcançar. Não posso fazer, ao mesmo tempo, o trabalho da escola e o do interior. Se posso optar entre escola e evangelização, prefiro as aldeias”.

Por fim, depois de 12 anos na China, mudou-se para outra cidade, para um trabalho pioneiro de evangelização. Não foi fácil. Para não escandalizar o povo, tornou sua casa uma espécie de centro de reunião, deixou de comprar comida estrangeira, acostumou-se com a comida chinesa e passou a se vestir à chinesa também. Essa identificação foi a chave do sucesso. Cinco anos depois, foram batizadas cinco pessoas por um missionário especialmente convidado.

Quase ao final de sua vida, essa missionária teve que enfrentar uma outra batalha. A China e o Japão declararam guerra. A cidade onde Lottie morava estava bem no centro

do conflito. Assim, um dia, ao chegar em casa, descobriu um grande buraco na parede de seu quarto. Era a bala de um canhão que passara por cima de sua cama, para cair no quintal, mas nem por isto deixou de dormir em sua casa, chamada de “Pequena Encruzilhada”.

A situação foi ficando difícil. Em meio à guerra, os crentes começaram a ser perseguidos e Charlotte teve que fugir para o Japão. Seu desejo era voltar. E ela o fez, para enfrentar uma outra e última batalha.

A China estava sendo assolada pela varíola, pela seca e pela fome. As escolas tiveram que ser fechadas. Centenas de crentes morreram. Ela fez tudo o que pôde; deu todo o dinheiro que possuía. Deprimida pelo que via diariamente, ficou sem comer. Logo ficou também doente.

Quando o médico chegou, descobriu que Charlotte Moon estava morrendo de inanição. Seus colegas providenciaram uma passagem de volta para os Estados Unidos, acompanhada de uma enfermeira.

Era tarde demais. Ela morreu no navio, aos 72 anos de idade. Ela morreu como consequência do seu compromisso de ser fiel até à morte.

O jornal de missões do seu país escreveu: “Charlotte Moon era o melhor homem entre os nossos missionários”.